

Apresentação

Desta vez, a edição número dois da **Tópica** vem discutir a questão central de uma instituição psicanalítica, a sua formação e consolidar, por este caminho, a seriedade permanente com que o GPAL tem trabalhado pela Psicanálise em Alagoas.

O dois da edição pode estar configurado como uma resposta ao esforço árduo dos seus analistas e é de fato, a melhor resposta que poderiam receber para reafirmar o avanço de seus trabalhos.

É, portanto, com muita alegria e muita honra que mais uma vez entro nesta empreitada, querendo participar do mesmo entusiasmo que norteia os membros do Grupo Psicanalítico de Alagoas.

Os textos que serão apresentados sobre a formação psicanalítica, certamente, vão suprir de forma satisfatória a importância do tema. O que, então, acrescentar de forma a somar neste contexto?

Talvez valesse a pena pensar na situação da Psicanálise no momento presente e refletir sobre a formação do psicanalista inserida em seu tempo, o tempo de hoje.

A Psicanálise vive momentos de grande apreensão quanto ao seu destino. Os psicanalistas começam a ficar inquietos com a tentativa de banalização e contestações superficiais que a cerca, com a fragmentação das suas instituições, das suas clínicas e da sua construção teórica.

O terreno psicanalítico tem se mostrado fértil e sedutor para os que o vêem como um espaço sem dono. São os posseiros da Psicanálise que conseguem vender uma imagem facilmente comprada por aqueles que desconhecem seus preceitos, tão defendidos pelo seu fundador.

Hoje de forma surpreendente, pelo menos aqui no Brasil, assistimos à briga dos psicanalistas para arrancá-la das discussões que são levantadas na câmara dos deputados numa tentativa de enquadrá-la dentro das leis da regulamentação, do discurso de alguns evangélicos que a sentem apropriada para resolver os impasses religiosos da culpa e da fé, das formações que são oferecidas obedecendo às leis do comércio, ressaltando a vantagem do menor tempo e menor preço, etc.

Neste campo de batalha, este da psicologia das massas, fica difícil saber quem é ou não psicanalista. Nas próprias instituições de Psicanálise não é fácil responder a essa pergunta. Se pudéssemos fazer um paralelo com as religiões, diríamos que não é fácil saber quem é ou não eleito de Deus.

Os preceitos de Freud para a formação de um psicanalista foram, principalmente, a análise pessoal, uma análise didática, a supervisão e a familiarização com a teoria, ensinada nas instituições psicanalíticas.

Era contra qualquer regulamentação da Psicanálise e qualquer determinação de quem devia ser ou não psicanalista. Em contrapartida sempre foi radical na preservação da teoria e prática psicanalítica. Considerava que existiam dois pontos nodais, arcaibouços do inconsciente, que não podiam ser mudados sem destruir a construção inteira da Psicanálise e nunca admitiu confundi-la com as terapias criadas por Jung e Adler, que reformularam o conceito da libido e o complexo de Édipo vinculado à castração.

Paradoxalmente, deixou as demais questões abertas ao debate, ao avanço, sabendo que quando se trata do homem, tudo termina como um enigma, como um impossível de resposta.

Acredita-se que na formação do psicanalista atual, deve caber, além das recomendações freudianas, com toda ênfase na análise pessoal e na supervisão, uma pergunta de Lacan, central e metódica que é: **o que é um psicanalista?** Em outras palavras, é uma pergunta que tem como preceito ser colocada à frente de qualquer atividade de escola seja de ensino, seja de aluno, nas questões administrativas da instituição ou na sua política. É uma pergunta que perpassa o analista, o analisando, o mestre e o aluno penetrando continuamente e metodicamente enquanto se reúnem, para que mantenham viva a inserção do um por um, deixando espaço para que se fale em nome próprio.

O vazio que se forma pela ausência da resposta a essa pergunta, é aquele em que deve girar a formação na instituição. Em torno dessa falta, que mostra que o analista não existe, e que tal pergunta, mesmo sem resposta é a causa do desejo de saber. É a partir daí que uma formação psicanalítica pode ser referendada.

Neste sentido, todos os psicanalistas estarão sempre em formação. Não há em Psicanálise um caminho percorrido, terminado ou respondido, uma formação encerrada, mas há uma instituição que precisa ofertar os meios para uma formação permanente, sempre guiada pelo discurso analítico.

O psicanalista do século XXI não pode estar alheio à sociedade e a política. Nunca pôde, a exemplo de Freud que analisou com profundidade, os acontecimentos do seu tempo, associando e dando relevo à subjetividade nesse social, a partir de seus textos como, **O Futuro de uma Ilusão** (1927), e o **Mal-Estar na Civilização** (1930), nos seus contatos pessoais, e ao mesmo tempo tão públicos, como a sua correspondência com Einstein onde trata do **Por que a Guerra** e do futuro da civilização. É o psicanalista, em sua subjetividade, colocando o discurso psicanalítico em circulação em todos os campos da sociedade. Por este ângulo, põe-se também em relevo a importância da Psicanálise Aplicada, aquela que tem faltado nas instituições públicas e privadas, a Psicanálise na cidade.

Lacan se posiciona, claramente, sobre essa responsabilidade, quando em “Função e Campo da Fala e da Linguagem”, se dirige aos analistas incitando-os com frases como essa: **“Que conheçam bem a espiral onde sua época os arrasta na obra continuada de Babel, e que conheçam sua função de intérprete na discórdia das linguagens”**.

Se não há uma resposta para **o que é um psicanalista**, há uma aposta nesse ponto de impossível sobre o qual gira a formação. A **Tópica** número dois, aí está como consequência. É isso que nos relança para a próxima edição e adiante.

Recife, 29 de agosto de 2003.

Rosa Maria de Lima Reis.

Psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise